Europa entre crises e desafios estruturais

Europe amid crises and structural challenges.

Europa entre crisis y desafíos estructurales

Ana Helena Gigliotti de Luna Freire

Resumo. Freire aborda o cenário atual da União Europeia, marcado por múltiplas crises e transformações. Em reunião recente, líderes europeus destacaram a necessidade de atuação conjunta diante da guerra na Ucrânia e das tensões no Oriente Médio, com foco em segurança, energia, apoio à Ucrânia e planejamento orçamentário. Apesar de novas sanções contra a Rússia, incluindo medidas financeiras e comerciais, sua eficácia é limitada por divisões internas na UE e pela postura dos Estados Unidos, que aliviaram restrições ao petróleo russo. Ainda assim, a Ucrânia obteve avanços importantes, como um empréstimo de 90 bilhões de euros, viabilizado após mudança política na Hungria. A derrota de Viktor Orbán e a ascensão de um governo mais alinhado à UE indicam uma possível reconfiguração política na Europa Central, enfraquecendo alianças nacionalistas e pró-Rússia. Paralelamente, a militarização global, com gastos militares recordes impulsionados por conflitos e insegurança geopolítica, inclusive na Europa, contribuem para o esvaziamento de políticas sociais. Nesta área, destacam-se desafios estruturais na saúde: países como a Espanha recorrem a médicos estrangeiros para suprir carências, enquanto a Europa como um todo se torna cada vez mais dependente de profissionais de saúde de outros países, o que pode agravar desigualdades e problemas de longo prazo.

Palavras-chave: União Europeia; guerra na Ucrânia; eleições na Hungria.

Abstract: Freire addresses the current scenario of the European Union, marked by multiple crises and transformations. In a recent meeting, European leaders highlighted the need for coordinated action in response to the war in Ukraine and tensions in the Middle East, focusing on security, energy, support for Ukraine, and budget planning. Despite new sanctions against Russia, including financial and trade measures, their effectiveness is limited by internal divisions within the EU and the stance of the United States, which has eased restrictions on Russian oil. Even so, Ukraine has achieved important progress, such as securing a €90 billion loan, made possible after a political shift in Hungary. The defeat of Viktor Orbán and the rise of a government more aligned with the EU indicate a possible political reconfiguration in Central Europe, weakening nationalist and pro-Russia alliances. At the same time, global militarization—with record military spending driven by conflicts and geopolitical insecurity, including in Europe—has contributed to the erosion of social policies. In this context, structural challenges in healthcare stand out: countries like Spain are relying on foreign doctors to fill gaps, while Europe as a whole is becoming increasingly dependent on healthcare professionals from other countries, which may worsen inequalities and long-term problems.

Resumen. Freire aborda el escenario actual de la Unión Europea, marcado por múltiples crisis y transformaciones. En una reunión reciente, los líderes europeos destacaron la necesidad de una acción conjunta frente a la guerra en Ucrania y las tensiones en Oriente Medio, con énfasis en la seguridad, la energía, el apoyo a Ucrania y la planificación presupuestaria. A pesar de las nuevas sanciones contra Rusia, incluidas medidas financieras y comerciales, su eficacia está limitada por

divisiones internas en la UE y por la postura de Estados Unidos, que ha aliviado las restricciones al petróleo ruso. Aun así, Ucrania ha logrado avances importantes, como la obtención de un préstamo de 90.000 millones de euros, posible tras un cambio político en Hungría. La derrota de Viktor Orbán y el ascenso de un gobierno más alineado con la UE indican una posible reconfiguración política en Europa Central, debilitando las alianzas nacionalistas y prorrusas. Paralelamente, la militarización global, con un gasto militar récord impulsado por conflictos e inseguridad geopolítica, incluso en Europa, contribuye al debilitamiento de las políticas sociales. En este ámbito, destacan los desafíos estructurales en la sanidad: países como España recurren a médicos extranjeros para cubrir carencias, mientras que Europa en su conjunto se vuelve cada vez más dependiente de profesionales de la salud de otros países, lo que puede agravar desigualdades y problemas a largo plazo.

O Conselho Europeu se reuniu informalmente no final do mês de abril, em meio a este período de grande tensão para a União Europeia. O presidente do Conselho, Antônio Costa, destacou que a Europa enfrenta um cenário de segurança complexo, que exige atuação abrangente, especialmente em relação à guerra na Ucrânia e às tensões no Oriente Médio. Dentre os principais pontos discutidos, destacam-se a questão do Oriente Médio, sobre a qual a UE apoia os recentes cessar-fogos e defende soluções diplomáticas baseadas no direito internacional, definindo como prioridades o reestabelecimento da navegação no Estreito de Ormuz; a promoção de um cessar-fogo duradouro; e o não desenvolvimento de armas nucleares pelo Irã. O conflito elevou os preços de energia, afetando cidadãos e empresas. Para responder a este desafio, a UE pretende coordenar respostas e acelerar a transição para energias limpas, reduzindo dependências externas. Os líderes europeus também discutiram o próximo orçamento de longo prazo, destacando a necessidade de novos recursos financeiros e de um acordo até o final do ano. Encerrando o discurso, Antônio Costa afirma que a UE busca responder ao cenário global com quatro frentes principais: apoio à Ucrânia; atuação pela paz no Oriente Médio; proteção econômica dos cidadãos; e preparação de um ambicioso orçamento para o futuro.

Como abordado na última edição deste informe e visto neste breve resumo da reunião informal do Conselho Europeu de abril (parágrafo anterior), a guerra na Ucrânia vem perdendo espaço e relevância nos debates internacionais, principalmente pelos grandes desafios globais trazidos pela guerra no Oriente Médio. A Europa precisa resistir e anunciou um novo pacote de sanções contra a Rússia. O pacote europeu inclui medidas contra a chamada “frota das sombras” russa; sanções a bancos e criptomoedas; restrições a importações de determinados materiais; dentre outras. Tida como a medida mais importante, a proibição total de prestação de serviços marítimos a transporte de petróleo russo, foi adiada devido à preocupações de países como Grécia e Malta, que temem impactos econômicos negativos e perda de competitividade. Vale notar, no entanto, que as sanções europeias contra a Rússia se enfraqueceram muito com a mudança de postura dos EUA, que suspenderam as sanções ao petróleo russo. Com isso, as receitas da Rússia com a venda de petróleo a preços altos aumentaram significativamente, ajudando a manter sua economia e a guerra.

A Ucrânia respira aliviada com o 20º pacote de sanções, mais principalmente, pela aprovação do empréstimo de 90 bilhões de euros, viabilizada com a mudança de governo na Hungria, que vetava sistematicamente a liberação dos recursos. O impasse estava ligado a uma disputa sobre o oleoduto Druzhba, essencial para o abastecimento de petróleo à Hungria e Eslováquia. Com a reparação do oleoduto e mudanças políticas internas na Hungria, o bloqueio

foi superado. O apoio será usado para reforçar a defesa ucraniana e sustentar a economia durante a guerra, estando condicionado a reformas e combate à corrupção na Ucrânia. A Comissão Europeia pretende liberar os primeiros recursos rapidamente: cerca de 45 bilhões de euros serão distribuídos ainda em 2026, divididos entre ajuda financeira e militar. Parte do financiamento priorizará a indústria europeia ("Made in Europe"). A Ucrânia só precisará reembolsar o empréstimo se a Rússia vier a pagar reparações de guerra.

A propósito, a mudança de governo na Hungria provoca novos rearranjos políticos na Europa. A derrota de Viktor Orbán após 16 anos no poder marca uma mudança significativa na Europa Central: aliados regionais dirigidos por forças de extrema-direita, República Tcheca e Eslováquia calculam impactos políticos e geopolíticos. O primeiro-ministro Robert Fico, da Eslováquia, era considerado braço-direito de Orbán, enquanto Andrej Babis, primeiro-ministro da República Tcheca, é conhecido como o "Trump tcheco". Babis fundou, ao lado de Orbán, o grupo eurocético Patriotas pela Europa, em 2024. Nos últimos anos, tanto Babis quanto Fico acompanharam a posição de Orbán de usar seu poder de veto nas votações da União Europeia para bloquear ajuda à Ucrânia. O novo líder húngaro, Péter Magyar, promete afastar-se da linha antiliberal e aproximar o país da União Europeia, mudança que tende a enfraquecer redes populistas e eurocéticas, bem como reduzir a influência de alianças nacionalistas e pró-russas na região. Magyar venceu com ampla maioria parlamentar, o que facilita a implementação de reformas. A saída de Orbán redefine o cenário político da Europa Central, abrindo espaço para uma Hungria mais alinhada à União Europeia e enfraquecendo alianças nacionalistas na região.

Temos acompanhado uma nova escalada de militarização mundial, com aumento contínuo de gastos devido a conflitos e rivalidades, o que intensifica riscos globais e impacta economias e sociedades. Segundo um estudo feito pelo Instituto Internacional de Pesquisa para a Paz de Estocolmo (SIPRI, na sigla em inglês). Os gastos militares globais atingiram um recorde histórico em 2025, chegando a 2,887 trilhões de dólares, sendo o 11º ano consecutivo de aumento, impulsionado por conflitos e tensões geopolíticas. A Europa registrou um forte aumento de 14% nos gastos militares, em consequência da pressão de Trump e da necessidade de reforçar suas defesas diante da ameaça russa. A Alemanha teve o maior gasto militar da Europa e o quarto maior do mundo. O orçamento da defesa aumentou 24%, chegando a 114 bilhões de dólares (R$ 570 bilhões). O orçamento de defesa da Espanha cresceu 50%, o da Polônia, 23%, e o da Itália, 20%. O aumento dos gastos também reflete a incerteza quanto às futuras garantias de segurança dos Estados Unidos. Aliados da Otan buscam reduzir a dependência dos Estados Unidos, especialmente depois de o presidente Donald Trump voltar a colocar em questão os compromissos de defesa coletiva da aliança. O estudo também destaca que o peso dos gastos militares chegou a 2,5% do PIB global, indicando que os países estão destinando mais recursos à defesa, possivelmente em detrimento de áreas como serviços sociais.

A novidade na área da saúde vem da Espanha, que está acelerando o processo de reconhecimento de diplomas estrangeiros, especialmente na área da medicina, para responder à crescente procura no sistema de saúde. De acordo com o último relatório oficial do Ministério da Ciência, Inovação e Universidades da Espanha, foram mais de 65 mil diplomas validados em 2025, sendo cerca de 30 mil de médicos (quase 80% das homologações em profissões regulamentadas). O governo defende a iniciativa como necessária para reforçar o sistema de saúde e valorizar a imigração qualificada. O relatório ministerial confirma que a maioria das aprovações provém da América Latina, favorecidas pela língua e facilidade no processo. A Colômbia é o segundo país com o maior número de resoluções favoráveis, seguida da Venezuela,

Cuba e Argentina. No entanto, especialistas alertam que o problema não é apenas a falta de médicos, mas sim: condições de trabalho precárias; falta de planeamento a longo prazo; e déficit na formação interna. A entrada de médicos estrangeiros ajuda a aliviar a pressão no curto prazo, mas não resolve os problemas estruturais do sistema de saúde espanhol, especialmente relacionados às condições de trabalho.

No ano passado, um relatório da OMS Europa já alertava para a crescente dependência europeia de médicos e enfermeiros estrangeiros para suprir a falta de profissionais de saúde. O documento estima que até 2030 a região europeia da OMS possa enfrentar um déficit de até 950 mil profissionais de saúde. Entre 2014 e 2023, o número de médicos formados no exterior aumentou 58% e o de enfermeiros 67%. Em 2023, 60% dos novos médicos e 72% dos novos enfermeiros na região foram formados fora do país onde trabalham. Essa carência causa um desequilíbrio, drenando profissionais formados em países do leste e do sul da Europa, para que atuem em regiões norte e oeste da Europa, que concentram mais trabalhadores. A situação tende a piorar, pois fatores como o envelhecimento da população e a aposentadoria de muitos médicos devem aumentar ainda mais a procura por profissionais. Vale lembrar que a crise na força de trabalho da saúde é mais uma das crises enfrentadas pela Europa há alguns anos.

Considerações finais

A União Europeia enfrenta um momento de forte pressão externa e interna, tentando equilibrar segurança, energia, economia e políticas sociais enquanto lida com guerras, mudanças políticas e desafios estruturais. A UE quer aumentar a pressão sobre a Rússia, mas enfrenta divisões internas e falta de coordenação internacional, o que limita o impacto das medidas. Intensifica significativamente as sanções para enfraquecer a economia e a capacidade militar da Rússia, ao mesmo tempo em que reforça o apoio político, econômico e militar à Ucrânia. Enquanto isso, a imigração de profissionais de saúde, ao menos na Espanha, está ajudando a sustentar os sistemas europeus, mas pode gerar desigualdades entre países e não substitui a necessidade de melhor planejamento e retenção de trabalhadores locais.